

boletim nº 3

COMITÉ DE DESERTORES PORTUGUESES DE ESTOCOLMO

EDITORIAL

Provocação ou luta política das ideias



Fêz agora seis meses que o CDPE realizou a sua I Assembleia Geral que aprovou o Programa, Estatutos, e outros documentos que definem a orientação política, a estrutura e as tarefas principais que se põem à organização dos desertores e refractários portugueses em Estocolmo.

O Comício de Apoio à luta popular em Portugal, realizado no dia 3 de Julho foi a mais importante actividade organizada pelo Comité neste período de seis meses. Ele permitiu que os desertores portugueses apresentassem publicamente a sua justa posição sobre as mais importantes questões que dizem respeito à luta do povo português e à luta dos povos das colónias contra o fascismo e o colonialismo. Nomeadamente, sobre a via para o derrubamento do fascismo e para a conquista da democracia popular; a posição face aos falsos antifascistas e anti-colonialistas; a posição face à justa luta dos povos das colónias.

Em relação a estas três questões fundamentais o CDPE expôs claramente nesse comício os princípios que orientam a sua actividade. São eles:

- aceitar a direcção da classe operária na luta contra o fascismo e na revolução popular armada;
- lutar intransigentemente contra o reformismo e o radicalismo pequeno-burguês que pretendem afastar o povo português dessa via
- internacionalismo proletário, concretizado no apoio activo à luta dos povos das colónias.

Foi a aplicação destes princípios que permitiram ao Comité desenvolver a sua orientação e tomar posições consequentes sobre

todas as questões importantes que se lhe põem: a posição face à deserção, a posição face ao movimento de solidariedade internacional na Suécia, ao posição de apoio ao jornal "A Voz do Desertor", a posição face à farsa "eleitoral" em Portugal, etc.

Foi a definição clara da sua orientação e a aplicação firme dos princípios porque se rege, que permitiram na prática forjar a unidade entre os membros do Comité e ultrapassar a fase inicial de clube de discussões para se tornar cada vez mais numa organização de luta dos desertores e refractários portugueses.

A experiência acumulada nestes seis meses não vem mais que provar a correcção da linha seguida pelo CDPE ao colocar, em todas as suas actividades, o acento tónico na luta pela clareza de princípios.

Um exemplo recente vem provar a necessidade de princípios firmes. Foi a recente publicação de uma carta assinada por um "desertor português" no jornal "Kampas Väg" (1). Nela se denuncia as arbitrariedades (cont. pág 2)

SUMARIO

"Provocação ou luta política das ideias" 1	
Oportunismo Social-Democrata e a Agonia do Colonialismo.....	3
Imperialismo Sueco em Portugal.....	6
Actividades do CDPE.....	8
A Farsa "Eleitoral".....	9
As Ambições Neo-Colonialistas da Oposição Democrática e a Bancarrota do Reformismo CDE.....	12
A Declaração da Independência --- Grande Vitória do Povo da Guiné e Cabo Verde...	13

EDITORIAL (cont. pág. 1)

dados do consulado holandês em Malmö no emitir de visás para desertores portugueses, membros do Comité de Desertores Portugueses de Malmö/Lund. Esta carta começa assim:

"O Comité de Desertores Portugueses de Malmö e Lund (Atenção! Não confundir com a "triste companhia" CDPE em Estocolmo) distribuiu no princípio..."

Se este desertor estivesse honestamente interessado em esclarecer os estudantes revolucionários succos das divergências de princípio existentes entre o Comité de Estocolmo e o Comité de Malmö/Lund, usaria certamente outros locais e outros métodos para o fazer.

Mas não. Não é fazer isso que lhe interessa, porque no fundo ele teme a confrontação com a orientação assente em princípios firmes de que está dotado o CDPE.

Ao incluir este ridículo parenteses na sua carta, este desertor vem apenas mostrar a falta de escrúpulos típica a todos os oportunistas, quando veem a sua política sem princípios aproximar-se da bancarrota completa. Neste caso, o aproveitamento da oportunidade de publicação que lhe dá este órgão da imprensa revolucionária sueca para, através da provocação de café, procurar sujar o nome do CDPE. Como é evidente, "Kampens Väg", não sendo nenhum jornal de debate, só por falta de informação pode colaborar neste tipo de provocação.

Este exemplo só vem mostrar, uma vez mais, a necessidade cada vez maior de uma demarcação clara entre a nossa orientação e as outras orientações que se manifestam nas organizações de desertores hoje existentes.

Essa demarcação tem de ser feita não através da provocação, como o fazem os oportunistas, mas sim através da luta política das ideias, confrontação das diversas orientações pela análise da sua prática e sua ampla discussão.

O CDPE luta por uma verdadeira unidade no movimento de desertores e refractários portugueses. Isso significa lutar pela unidade ideológica assente em princípios claros e sólidos, varrendo do nosso seio os oportunistas e provocadores. Lutar pela unidade política assente numa orientação e programas comuns para o movimento, varrendo do nosso seio todos os falsos antifascistas e anticolonialistas. Lutar pela unidade orgânica assente nos princípios do centralismo e da democracia nas organizações de desertores, varrendo do nosso seio o liberalismo e a anarquia.

Só assim os desertores e refractários portugueses poderão atingir a verdadeira unidade, transformar o seu movimento numa ampla organização de luta, e colocar-se consequentemente ao serviço do povo português.

-
- (1) "Kampens Väg" (A Via da Luta): órgão da Liga dos Estudantes Comunistas da Suécia (Marxista-Leninista) (SKS(m-l)), organização de massas sob a direcção da Liga Comunista Marxista-Leninista (Revolucionária) (KFMLr).

DESERTOR, REFRACTÁRIO

PARA REGULARIZAR A TUA SITUAÇÃO CONTACTA:

Comité de Desertores Portugueses de Estocolmo (CDPE)

Box 42 110, 126 12 Stockholm, Suécia. Conta de cheques postais PG 65 05 07 - 7.
Permanência: Gamla Brogatan, 29, Estocolmo (metro T-Centralen).

Comité de Apoio aos Desertores e Refractários Portugueses, Paris, França

Permanências: sábados, das 16.00 às 20.00, e quartas-feiras, das 18.00 às 21.00 no 127, Rue St. Maur 75011 Paris (metro Goncourt ou Couronnes); sábados, das 18.00 às 20.00 no 174, Rue Championnet 75018 Paris (metro Guy Mocquet).

SUÉCIA

Oportunismo social-democrata e a agonia do colonialismo



"As atrocidades cometidas pelo exército português, exprimem pelo seu horror e barbárie, a verdadeira natureza do regime colonial português. Tal como as câmaras de gás dos campos de concentração nazis, os massacres de Lydice na Checoslováquia, de Oradour em França exprimiram a verdadeira natureza de Hitler e do nazismo, como Sharpeville exprimiu a verdadeira natureza do regime da África do Sul, como Sakiet Sidi Youssef exprimiu a verdadeira natureza do colonialismo francês na Argélia, como Deir Yassin na Palestina em 1948 mostrou a verdadeira natureza do sionismo, como Guernica em Espanha mostrou a natureza do fascismo franquista, como My Lai exprimiu a verdadeira natureza do imperialismo americano no Vietname, cada guerra colonial, cada guerra racista, cada guerra nazi, cada guerra imperialista levam em si uma Mueda, um Sharpville, um Pijiguiti, um Icolo e Bengo, um Oradour, uma Guernica, um My Lai, um Sakiet Sidi Youssef, um Deir Yassin ...

Aceitemos por compreender estes factos, estas realidades, deste modo. Só então estaremos à altura de compreender esta outra, muito simples, realidade: todo o acto do regime colonial-fascista português é um crime. O crime subsistirá enquanto ele existir."

Marcelino dos Santos
(ONU, 20 julho 1973)

No passado mês de Julho o colonialismo português sofreu uma das maiores condenações da sua longa história criminosa. Em resposta aos massacres de Moçambique a opinião pública mundial ergueu-se para condenar os crimes do colonial-fascismo português e exigir o seu fim imediato. Forças progressistas de todo o mundo reforçaram os seus ataques ao colonialismo, neocolonialismo e imperialismo e denunciaram o conluio dos colonialistas portugueses com os seus patrões imperialistas.

Na Europa os governos aliados do colonialismo, esses governos que através do auxílio económico, militar e político dão ao fascismo a possibilidade de perpetuar o colonialismo, viram-se a braços com um movimento de opinião que lhes exigiu uma tomada de posição quanto à sua contribuição nos crimes colonial-fascistas. A situação levou, entre outros, os sociais-democratas suecos e alemães, tal como o seu comparsa inglês, a mais uma vez deitarem mão da sua estafada demagogia oportunista. Numa tentativa de mistificar o seu papel na partilha do bolo colonial-fascista, entoam empolgantes declarações condenando os massacres do colonialismo português, atacando o carácter desumano do fascismo, e tentam simultaneamente mostrar-se como "amigos sinceros" dos povos subjugados pelo colonialismo.

Desmascarar o oportunismo social-democrata e companhia é uma tarefa imperiosa dos verdadeiros amigos dos povos em luta contra a exploração e independência. Denunciá-los como patrões do colonialismo, como comedores da maior parte da exploração sofrida pelo povo português e das colónias, é participar na justa luta dos povos que com armas na mão lutam pela independência e soberania. Não o fazer, não mostrar a sua verdadeira face imperialista e neocolonialista, é auxiliar a continuação da exploração com o seu cortejo de massacres, fome, opressão!

AS VERDADEIRAS INTENÇÕES

Na realidade os sociais-democratas e comparsas visam:

- 1) Mistificar a opinião pública para a enganar e conduzir com fins diversos tais como eleições, desvio do movimento progressista para vias reformistas, criar uma boa imagem aos olhos do mundo, etc.
- 2) Porque compreenderam que o colonialismo dá os estertores da agonia, procuram preparar a continuação da exploração dos povos colonizados por outra via: o neocolonialismo.

Mas isto não significa que abandonem o seu apoio ao colonial-fascismo. Isso seria ir contra a lógica capitalista de explorar ao máximo até ao último instante. A sua tática é por um lado continuar a aumentar a exploração dos povos de Portugal e colónias, mas por outro preparar o terreno para, por outros meios, continuar essa exploração quando o colonial-fascismo der o último suspiro.

Na prática esta política traduz-se num envio crescente de armas e dinheiro para o regime colonialista, enquanto que os Movimentos de Libertação recebem o tão propagandeado "auxílio humanitário" (1);

Enquanto armam os seus criminosos lacaios, atiram muito beatificamente aos povos a sua esmola "humanitária" e a sua "compaixão". Por isso, a FRELIMO recusou e classificou de imoral o auxílio da social-democracia alemã.

OS FACTOS

As provas dos verdadeiros objectivos destes sugadores de povos são evidentes. Desde 1961 (para não ir mais atrás), que os Movimentos de Libertação e as mais variadas fontes denunciam os diversos e horríveis crimes do colonial-fascismo português, mas só passados 12 anos estes demagogos "reparam" nesses crimes e resolvem-se a "condená-los". Durante estes doze anos mantiveram a opinião pública na ignorância, enquanto intensificavam desenfreadamente os investimentos e auxílio militar aos opressores fascistas.

Harold Wilson, líder trabalhista que na Inglaterra tentou encabeçar e conduzir o recente movimento anticolonial-fascista, foi durante anos chefe do governo inglês, durante os quais a NATO era já o principal fornecedor de armas do exército colonialista. Durante esse tempo atentava diariamente o regime fascista contra as vidas e bens dos povos de Portugal e colónias e nunca o Sr. Wilson pensou em romper as relações com Portugal nem impedir os envios de armas nem os investimentos ingleses em Portugal. Nunca ele nem o partido que representa falaram em terminar a "velha aliança" que agora apelidam de vergonhosa. E vem agora este hipócrita oportunista armar-se em defensor de causas justas, tentando iludir a opinião inglesa. A sua manobra é facilmente posta a nu: aproveitar oportunisticamente o movimento popular anticolonialista e antifascista como trampolim para o poder, donde continuará a mesma criminosa política de exploração e auxílio aos exploradores e opressores.

Quanto aos sociais-democratas alemães e suecos não é menor o seu papel no colonial-fascismo.

A República Federal Alemã continua a ser um dos maiores investidores e exploradores de Portugal e colónias, continua o envio de armas para o regime assassino, instala bases militares em Portugal, recusa armamento aos Movimentos de Libertação, etc.

No entanto são os sociais-democratas suecos os mais descarados mistificados. A opinião progressista obrigou-os a reconhecer que sem os investimentos estrangeiros Portugal estava condenado à derrota imediata. Como se desculpam de a Suécia pertencerem 10% desses investimentos? Muito social-democraticamente: "Nós temos o poder político, mas o poder económico pertence aos capitalistas; no entanto, sempre desaprovámos os investimentos em Portugal" (2).

em Portugal

(1). Enquanto os investimentos suecos/ultrapassaram os 300 milhões de coroas suecas, os Movimentos de Libertação receberam no total até hoje 25 milhões de coroas.

(2). Krister Wickman, Ministro dos Negócios Estrangeiros da Suécia.

Passando por cima desta típica mistificação social-democrata da separação do poder económico do político, afirmamos que é uma rematada mentira eles desaprovarem os investimentos em Portugal. Cada cêntimo que o capitalismo sueco investe é aprovado pelo governo sueco através do Riksbanken (Banco da Suécia). Isto para não falar das presas estatais suecas instaladas em Portugal (3).

Quanto ao apoio político é de lembrar a estes exploradores de "fraca memória" que já várias vezes se abstiveram de votar na ONU resoluções contra o colonialismo português dando assim o seu apoio efectivo aos criminosos colonial-fascistas (4).

Podemos ainda acrescentar a venda de veículos militares (por exemplo Volvo Landler), a dificuldade crescente com que são aceites os antifascistas portugueses que se recusam a participar na guerra colonial, a recusa em lhes conceder o asilo político, etc.

Resumindo, são os sociais-democratas conjuntamente com o imperialismo americano e demais exploradores que fornecem ao colonial-fascismo os meios para oprimir e explorar os povos das colónias e o povo português, e com eles compartilham o saque levado a cabo em Portugal e nas colónias.

As manobras demagógicas para aparecerem como "amigos" das lutas de libertação serão totalmente desmascaradas pelas forças revolucionárias. Os povos em luta sabem distinguir os falsos dos verdadeiros amigos. Como afirma Rebelo, ministro de informação da PRELIMO: "Não se pode ser amigo dos Movimentos de Libertação ao mesmo tempo que se é amigo dos nossos inimigos".

A NOSSA POSICAO

O CDPE condena os massacres de Wiryamu, assim como condena todos os crimes do colonialismo, e está seguro que tais crimes só terminarão com a destruição do colonialismo, com a independência total dos povos das colónias. O CDPE não encara os massacres como "excessos" do colonialismo português mas sim como o seu meio natural de sobrevivência, e considera-os tão desumanos e ignóbeis como todos os crimes que o colonialismo diariamente comete, desde a exploração económica, opressão social e cultural, racismo, campos de concentração, ocupação militar, miséria, etc.

O CDPE denuncia como cúmplices directos nestes crimes todos os que de um modo ou outro auxiliam Portugal a prosseguir esta guerra injusta (5), e que de um modo ou outro sugam o povo português e os povos das colónias; todos os que mantêm acordos económicos ou militares com o regime fascista. O regime opressor colonial-fascista não é mais que uma peça do imperialismo mundial. A luta contra o colonialismo é indissociável da luta contra o imperialismo e o neo-colonialismo. Para atingir a liberdade, os povos passarão inevitavelmente pela destruição do imperialismo.

A experiência histórica mostra-nos que só através da luta armada popular os povos conseguem alcançar a independência total. O CDPE acusa de traidores e falsos amigos todos os que procuram empurrar os povos para soluções de compromisso, para o neo-colonialismo, e apoia a exigência da independência total e incondicional para os povos das colónias.

Nós estamos seguros de que o povo em armas saberá vingar os seus mortos, e que as atrocidades do colonialismo e imperialismo só servirão para apressar o seu fim.

Terminamos dizendo com Marcelino dos Santos, vice-presidente da PRELIMO, que todo o acto do colonial-fascismo, todo o acto do neo-colonialismo, todo o acto do imperialismo, é um crime. O crime subsistirá enquanto eles subsistirem.

Abaixo o colonialismo, o neo-colonialismo, o imperialismo!

Desmascaremos os sociais-democratas e demais oportunistas!

Os povos oprimidos vencerão!

-
- (3) Das 103 empresas suecas em Portugal, 3 são estatais ou tem grande participação estatal. São elas: Norbottens Järnverk (NJA) (aco), Statens Skogsindustri (florestação), Algot Johansson.
 - (4) Um exemplo: 19 estados do comité de descolonização da ONU fizeram uma votação sobre o uso de guerra química pelo colonialismo português em Africa. 18 estados condenaram Portugal; a Suécia absteve-se (Dagens Nyheter 15/4/71).
 - (5) Os acólitos social-imperialistas polacos venderam dois navios ao fascismo port.

IMPERIALISMO SUECO EM PORTUGAL

LISTA (NAO COMPLETA) DE EMPRESAS SUECAS COM INTERESSES EM PORTUGAL:

Algot Johansson AB	(texteis, confecção)
AB Anders Westerlind	(confecções)
ASEA	(aparelhagem electrica)
Anderstorp Werkstads AB	(máquinas)
Atlas Copco AB	(metalomecanica)
AB Sintex +	
AB Skyddskläder	(confecção)
Wasa Tryckknappar AB	(botões)
Norén & Rippner	(confecção)
Konfektions AB	(confecção)
Billeruds AB	(papel)
AB Sveriges Förenade Trikåfabriker	(confecção)
Bevaknings AB Securitas	(guarda particular)
AB Electrolux +	(aparelhagem electrica)
Telefon AB LM Ericsson +	(telecomunicações)
AB Svenska Fläktfabriken +	(arcondicionado)
John Mattson Byggnads AB	(construção)
Gefa AB	(confecção)
Gustav Gullander Lta +	(agente de cerca 13 empresas, entre as quais Billerud, Kornäs-Marma, Cellulosa (celulose), Statens Skogsindustri (flo- restação))
Suedex, Industria de Luvas Lda ?	(luvas)
Bjöderna Hanssons Handskfabriks ?	(luvas)
Sociedade Horti-Florícola Gunnar Granström Lta	
Svenska Tändsticks AB	(fósforos)
A Johnson & Co +	
Fix Trikåfabriker AB	(confecção)
Erickbergs Mek Verkstads AB	(estaleiros)
Kockums Mek Verkstads AB	(estaleiros)
Lundberg & Wester AB	
Lusoca -- Soc. Luso-Sueca de Cons- trucoes Lda	(construção)
Jofa AB +	(confecção)
Melka AB	(confecção)
Nicoverken AB	
Nordström & Costa Lda	
AB ÖSB-Industrier	(confecção)
Öberg & Co AB	
AB Hjalmar Petri	(confecção)
Kjessler & Mannerstråle AB	
Sandvikens Jernverks AB +	(metalomecanica)
SAS +	(transportes aereos)
Simplor & Blidberg Lda +	
AB Svenska Kullagerfabriken +	(rolamentos)
Stén Lda +	(agente de uma dezena de empresas, entre as quais Tetra Pak (embalagens), SCA , Hol- mens Bruk, Iggesund)
Sven & Lilian, Fábrica de Confeccoes Lda	(confecção)
Svenska Lloyd +	(transportes marítimos)
AB A G Svensson	
Svenska Dataregister AB (SWEDA) +	(computadores)
Tranemo Textil	(texteis)

Bröderna KB Hagenfeldt	(confeccão)
A-Kläder	(confeccão)
Vendor Lda +	(agentes de entre outras AGA (ar líquido), NJA (aco), Oxelösunds, Uddcomb, Alfa Laval (metalomecanica), Scania Vabis (camioes))
Wicanders Korkfabriker AB	(cortica)
Ytong AB ?	

As empresas assinaladas com + tem apenas vendas, representação ou semelhante. As restantes tem produção ou prestam serviço. As assinaladas com ? desconhece-se a actividade. Lista de nomes das empresas da embaixada sueca em Lisboa. Publicada por Povo em Imagens/Frente Cultural (FIB/Kf) no. 15.

=====

EMPRESAS SUECAS DA INDUSTRIA TEXTIL-CONFECÇÃO EM PORTUGAL EM 1971

<u>Empresa, sede na Suécia</u>	<u>Estabelecida ano</u>	<u>empregados em Portugal</u>
AB Westerlind, Gotemburgo.....	antes de 1968	
AB Hjalmar Petri, Växjö.....	depois de 1968	
Bore Årjäng, Fristad.....	antes de 1968	
AB ÖSB-industrier, Degerfors.....	antes de 1965	
A-kläder, Östersund.....	antes de 1968	
Alget Johansson AB, Borås.....	1966 1 000
Br. Hagenfeldt, Örebro.....	antes de 1968	
Gefa AB, Tranemo.....	1967 550
Idéal-korsetter, Sandared.....	1964 300
Sundberg & Wester, Estocolmo.....	depois de 1965 60
Molka AB, Gotemburgo.....	1960 800
Noripp AB, Hässleholm.....	1968 75
Tapissieribolaget, Gotemburgo.....	antes de 1968	
Tranemo Textil AB, Tranemo.....	1968 180
Salinders, Landskrona.....	1966 - 1968	
Fix Trikkåfabriker, Söderköping.....		
Br Hanssons Handskfabrik AB, Sandviken..	1965	
JoFa AB, Malung.....	1968	
Nordstöms Handskfabrik, Lund.....		
Wilkenson Handsmakaren AB, Örebro		
AB Erik Brandahl (fábrica oeste).....	1969	
Mölnlycke		

Lista publicada em FIB/Kf no. 15

=====

IMPERIALISMO SUECO EM MOÇAMBIQUE

Foi recentemente tornado público que a Lisnave projecta construir 2 estaleiros navais em Moçambique, um em Nacala e outro em Lourenço Marques. As empresas suecas Ericksberg e Kockums possuem cada uma 10% das accoes da Lisnave, tem 3 lugares dos 14 do conselho de administração e o vice-presidente da empresa é Nils Ekerbom da Eriksberg.

O jornal Dagens Nyheter revelou que a empresa inglesa British Match Corporation, a maior empresa de fósforos inglesa, começará produção em Lourenço Marques numa fábrica em Lourenço Marques, filial da Lion Match da Africa do Sul, por sua vez filial da British Match Corp. A empresa sueca de fósforos Tändsticksbolaget (STAB) participa na British Match com cerca de 1/3 das accões dessa empresa e tem dois administradores na direcção da empresa.

O governo social-democrata sueco proporá dentro em breve no parlamento uma lei que proibirá os investimentos suecos nas colónias portuguesas, na Rodézia e na Namíbia, mas não na Africa do Sul ou Portugal. Tal é a hipocrisia da social-democracia: qualquer empresa poderá investir na Africa do Sul ou em Portugal e em seguida abrir uma filial nas colónias portuguesas. Além disso, empresas onde o capital sueco não seja maioritário, será difícil proibir que invistam nas colónias portuguesas devida a "dificuldades técnicas".

ACTIVIDADES DO CDPE

- O Comité tem intensificado e procura melhorar a ajuda aos desertores, refractários e anti-fascistas que continuam a chegar à Suécia por se recusarem a participar na criminosa guerra colonial ou fugindo das perseguições do fascismo.

De entre os diversos casos tratados está o do anti-fascista ANTÓNIO A. FERNANDES, 39 anos, ex-funcionário do Ministério do Exército fascista, que ameaçado de ser entregue à PIDE por divulgar informações "confidenciais", procurou refúgio neste país, juntamente com a sua família. Este anti-fascista, que momentaneamente teve de passar à clandestinidade, na expectativa de ser expulso por ter sido recusado o seu pedido de asilo político, espera ainda a decisão oficial ao seu recurso.

- O Comité tem internamente desenvolvido estudos e discussões sobre as questões mais importantes que se lhe põem na sua actividade, nomeadamente debruça-se agora sobre a questão da farsa "eleitoral" de Outubro em Portugal.

- 3 de Julho: O CDPE organizou um Comício de Solidariedade com a luta popular em Portugal, que teve a presença de cerca de 100 anti-imperialistas portugueses e suecos. Após a intervenção de um representante do CDPE sobre a luta popular e o movimento dos desertores e refractários portugueses, falou o camarada Fernando Cabral, irmão do grande dirigente do PAIGC Amílcar Cabral, que na ausência do representante do PAIGC em Estocolmo Gil Fernandes, descreveu a situação da luta de libertação na Guiné-Bissau. Foi ainda exibido o filme "Témoignage" (Testemunho), cedido pelo PAIGC. Este filme é o testemunho por uma equipa da televisão francesa de uma emboscada feita a uma coluna do exército colonialista português pelo exército de libertação nacional a 30 km. de Bissau. O Comício terminou com um debate sobre algumas questões levantadas na comunicação do CDPE.

- 3 de Setembro: Na comemoração do vigésimo oitavo aniversário da fundação da República Democrática do Vietnamo, o CDPE foi convidado a participar num comício, organizado pela SKU (mml) - Liga da Juventude Comunista da Suécia (marxista-leninista) - com um discurso sobre a luta de libertação dos povos sobre domínio colonial português. O discurso do CDPE foi longamente ovacionado pelos 250 anti-imperialistas presentes.

- 8 de Setembro: O CDPE organizou uma festa de confraternização em Estocolmo. A festa foi largamente concorrida, decorrendo num espírito de camaradagem entre os portugueses residentes em Estocolmo, camaradas portugueses vindos de Uppsala e numerosos anti-imperialistas suecos.

- Edições em Suco: "Boletim n.º 2", contendo o programa e resoluções aprovadas na I Assembleia Geral do CDPE.

"Boletim n.º 3", contendo, sob o título geral "Partidos Políticos em Portugal", a tradução dos artigos publicados pelo jornal "O Salto" - "Rompendo o Muro da Censura Fascista".

PORTUGAL

A FARSA 'ELEITORAL'

A questão fundamental da Revolução Democrática Popular em Portugal é a tomada do poder e conservação desse mesmo poder pelos operários e camponeses.

Para conseguir desempenhar a sua tarefa histórica a classe operária, dirigida pelo seu partido de vanguarda, necessita de estar à cabeça do movimento popular, unindo todas as forças que for possível unir à volta do seu programa. Só assim se pode atingir a primeira fase do poder, o Estado Democrático Popular que substituirá na totalidade o estado da burguesia fascista. Só assim se pode continuar no caminho até à vitória final sobre a exploração em Portugal.

Esta é a corrente da história em Portugal, a vitoriosa via da libertação das grandes massas exploradas e trabalhadoras.



Na Ásia, África e América Latina, os povos oprimidos e explorados lutam de armas na mão contra o imperialismo e contra a opressão.

No Vietname, um povo inteiro derrotou a besta imperialista e luta hoje, com os seus irmãos do Sul, contra o regime marionete de Saigão. Essas vitórias inegualáveis provas de uma coragem sem par e de uma direcção correcta, provam como uma pequena nação, lutando pelas suas justas aspirações, consegue a libertação. Essas vitórias não se obtiveram através das interpelações, mocções ou abaixo-assinados no parlamento controlado pela grande burguesia e pelo imperialismo, mas sim através da luta independente fora dos corredores parlamentares, através da Guerra Popular Prolongada.

Igualmente os povos do Camboja, Laos, Palestina, América Latina e África vão contribuindo para a luta do povo português, derrotando o imperialismo e todas as tentativas de hegemonia nos seus próprios países.

Igualmente o proletariado nos países industrializados, lutando contra as suas burguesias imperialistas e contra o capitalismo, desfere dia a dia golpes mortais nas forças da opressão e reacção mundiais.

De uma forma ainda mais directa os povos da Guiné-Cabo Verde, Angola e Moçambique lutam vitoriosamente contra o exército colonial-fascista afirmando em actos a sua solidariedade para com o povo português, que eles sempre souberam distinguir da burguesia fascista e colonialista.

A história mostrou-nos, e continua a mostrar-nos, que nunca nenhuma das classes opressoras de um país colonizado tenha alguma vez dito, num acto de contrição -- estou cansada de explorar, matar, esbanjar, de boa vida, pois agora entrego-vos tudo, as minas, as fábricas, os milhões, polícias, tanques, canhões. Cada pequenina reivindicação conquistada pelos trabalhadores tem sido arrancada à força pela sua luta independente nas fábricas, nas ruas, nos campos. Greves e manifestações foram banhadas em sangue, dirigentes operários conheceram a injustiça dos tribunais burgueses, das suas cadeias, dos seus algozes.

Para que os trabalhadores portugueses, de uma vez para sempre, possam chegar a ser os senhores do seu destino, eles têm de seguir o exemplo dos seus irmãos do mundo inteiro. As condições objectivas de Portugal, das quais o facto de se encontrarem abaixo de uma ditadura fascista é dos factores mais importantes, nunca permitirão que uma moção de um senhor doutor da oposição democrática, ou um advogado burguês, possam eventualmente modificar a máquina de opressão fascista ou os tribunais e administração por ela empregues. O poder é só um. Não existe um poder económico, um poder político e um poder militar. Os que possuem um, detêm o outro. Os que possuem a fábrica, tem os polícias, os Pides, o exército, os juizes e os burocratas.

Se a classe operária e demais trabalhadores querem conquistar a Liberdade, a Paz, o Pão, a Terra e a Independência, têm de se bater contra os capitalistas, os burocratas e contra os falsos amigos dos povo. Mas pela frente não encontrará ela esses exploradores, mas sim os seus cães de guarda -- polícia, exército, Guarda Republicana e as forças paramilitares fascistas. Contra eles têm os operários e camponeses de estar preparados e armados, porque de contrário serão massacrados, verão os seus melhores filhos desaparecerem, serem torturados, definharem no Tarrafal, Caxias, Peniche. De mártires está ele farto.

O que acontece hoje ao povo chileno

ludibriado pela ideologia reformista da via pacífica para o socialismo, nunca nós poderemos esquecer. Só através da sua organização, da sua aliança com as forças populares, e através da luta armada poderá a classe operária evitar o massacre de uma vez para sempre. No Chile, os poucos grupos que anteriormente não haviam sido desarmados, grupos isolados mal armados e organizados, foram rápida e bárbaramente esmagados pelas forças reaccionárias. As massas populares chilenas estão a receber um duro golpe, mais uma amarga lição a juntar à sua história e à história do movimento operário e popular mundial, mais uma experiência a orientar esse mesmo povo, no dia em que lançar o seu final e vitorioso ataque contra a ditadura militar, e contra a burguesia nacional e imperialista que a suporta.

O EXERCITO POPULAR

O massacre não levará as massas populares portuguesas à libertação. Só a sua organização e a sua resistência armada no seio do Exército Popular poderá, na fase actual, levar à queda do fascismo em Portugal. A via da luta armada é pois a única, e a que a longo prazo pode encurtar os seus sacrifícios. Ela será possível quando a classe operária se tiver unido aos camponeses, quando conseguir mobilizar e dirigir as grandes massas populares e se tiver libertado dos seus falsos amigos -- agentes da burguesia infiltrados no seu seio, reformistas que querem desviar a luta de classes para uma assembleia fascista, traidores que lhes aconselham calma quando elas querem passar a formas mais avançadas de luta.

Este foi o panorama em 1962 em Portugal. Em 1973 uma parte da classe operária portuguesa está ainda sob a influência do reformismo. Como representantes da burguesia e pequena-burguesia, eles pretendem afastar o movimento popular dos seus objectivos, condição essencial para que estes oportunistas tomem o poder. Nas salas de conferência aparecerão sempre com palavras radicais na boca, com vivas à democracia, à igualdade e sei lá que mais, mas com a instauração de um estado burguês democrático os seus privilégios serão conservados e os seus métodos repressivos aparecerão à medida que a luta de classes se agudizar.

A participação da oposição burguesa nas "eleições" fascistas nunca foi usada, nem nunca o será, como um meio para escolar e para fazer avançar as posições das massas exploradas e oprimidas. Pelo contrário foi sempre encarada como um fim, como um processo de barrar a preparação das massas para a revolução.

O seu oportunismo é tanto mais evidente quanto Portugal é um país debaixo de um regime fascista e do imperialismo.

AS "ELEIÇÕES" FASCISTAS E O ELEITORALISMO BURGUESES

A única via para a vitória sobre a agressão armada do regime fascista em Portugal e dos seus patrões imperialistas, é a Revolução Democrático Popular. Face à corrente irreversível da história, tenta a burguesia de Portugal, assim como o tem tentado as burguesias de todo o mundo, arranjar um estratagema que lhes permita desviar as forças progressistas e revolucionárias. Cada burguesia lança mão dos meios que mais convêm à sua classe.

A burguesia fascista pretende obter com as "eleições" uma imagem de legalidade perante os governos estrangeiros, ao mesmo tempo que quer mais uma vez tapar os olhos ao povo português.

A burguesia liberal e os reformistas desempenham o mesmo papel nas "eleições" fascistas, se bem que com outros objectivos. Pertencendo à média ou à pequena-burguesia eles também lutam pelo poder. A burguesia tem problemas com a inflação, com a guerra colonial em derrocada, com o capitalismo antiquado que não serve os seus interesses de uma sociedade com um capitalismo moderno à moda europeia, ou, mais "modestamente", à moda dos países de capitalismo restaurado da Europa do Leste. Para chegarem ao poder precisam de milicianos ao seu serviço, e isso só o podem encontrar nas massas populares que para esses senhores doutores, advogados, burocratas e intelectuais das CEUDs e das CDEs, não são mais do que carne para canhão, um trampolim para os seus apetites burgueses.

As "eleições" em Portugal, ou noutras democracias burguesas, nunca permitirão a tomada do poder pelos trabalhadores.

PARTICIPAR OU NÃO EM ELEIÇÕES

Será que participar em eleições é sempre errado? De modo algum. A participação nas eleições de 1949 foi um tática correcta. O povo ainda acreditava em eleições como um meio para lutar pelos seus interesses. As eleições foram utilizadas para se mostrarem às massas a -- verdadeira -- natureza do parlamentarismo burgues e para se fortalecer a sua luta independente. As massas populares aprenderam de facto que o parlamento da burguesia fascista nunca lhes deu nem um milímetro de terra que cultivar, nem um pouco da liberdade que exigem.

Fruto da sua experiência, a partir de 1958, a sua luta toma novas formas. As reivindicações do movimento popular, mercê da sua experiência e do regime de fascismo, começam quase sempre a assumir um carácter político. Nesse ano, milhares de trabalhadores e progressistas protestam contra a burla eleitoral em greves políticas. A sua luta estende-se ao resto do país nos anos de 1959 e 1960. Em Novembro de 1961, aquando das "eleições" para deputados (ano em que começou a luta de libertação dos povos das colónias), realizam-se grandes manifestações políticas. Em 1962 as massas populares, em grandiosas manifestações políticas, gritam "às armas!", para poderem derrubar a ditadura fascista. A traição de que então foram vítimas, manobra dos agentes da burguesia no seu seio, viria a custar-lhes muitas vidas. Passados 11 anos, em 1973, tentam esses mesmos traidores fazer recuar a luta das forças populares para o campo das "eleições" fascistas.

Face à situação que a luta de classes atingiu em Portugal, as forças populares, enriquecidas pela experiência do movimento operário e popular mundial, só conseguirão a concretização total dos seus objectivos quando escorraçarem do seu seio os falsos amigos dos trabalhadores e cerrarem fileiras à volta da classe operária e do seu partido de vanguarda.

Face à farsa eleitoral", manobra de diversão da burguesia fascista sustentada pela burguesia oposicionista e pelo seu braço reformista no seio da classe operária, só o boicote activo das "eleições" em 1973 pode desmascarar e deitar por terra essa farsa, apontando às massas a via da luta popular armada, denunciando a hipocrisia

sia dos contrarrevolucionários que pretendem votar abaixo um dos mais criminosos regimes fascistas e colonialistas do mundo.

Abaixo a farsa "eleitoral"!

Abaixo a guerra colonial --- Os povos das colónias vencerão!

Viva a aliança operário-camponesa!

Viva a Revolução Democrático Popular!

AS AMBICÕES NEO-COLONIALISTAS DA OPOSIÇÃO DEMOCRÁTICA...

A Oposição Democrática vai apresentar candidatos por Moçambique à farsa "eleitoral" de Outubro.

Os cavaleiros andantes do boletim de voto surgem agora em Moçambique dispostos a "salvarem" o povo de Moçambique do colonialismo (para o lançarem no neocolonialismo).

Estes falsos anti-colonialistas, não contentes com a sua traição ao povo português, apresentam-se agora como "representantes", "defensores" do povo moçambicano, candidatos ao parlamento fascista em Lisboa: é mais uma vergonhosa prova das ambições neo-colonialistas dos reformistas da oposição democrática. É o histerismo "democrático" a rebentar por todos os lados.

O povo de Moçambique é soberano e decide do seu próprio destino. Talvez o sossegado conforto dos gabinetes dos cavaleiros andantes neo-coloniais lhes tenha feito esquecer que o povo de Moçambique luta de armas na mão desde há 9 anos pela sua independência total e incondicional. O que os senhores doutores da oposição democrática não querem perceber - que a única via para derrubar o fascismo-colonialismo português é a via da luta popular armada - perceberam e puseram em prática, há já muito, os povos das colónias.

Além disso, as armas dos povos das colónias são tão eficazes contra colonialistas como contra falsos anti-colonialistas.

O CDPE saúda calorosamente o nono aniversário do começo da luta armada de libertação nacional pela FRELIMO, a 25 de Setembro de 1964.

Ultimamente tem andado os doutores das CDEs e CEUDs a dizer que ainda não sabem se se apresentam às urnas, que se calhar só vão aproveitar o período eleitoral para fazer propaganda e depois retiram a sua candidatura (pelo menos em Beja e Guarda as listas da Oposição Democrática não concorrem)

...E A BANCARROTA DO REFORMISMO CDE

Estas "hesitações" e "incertezas" sobre a participação ou não no "acto eleitoral" mostram as dores de cabeça dos doutores ao verem-se ultrapassados pelo movimento popular que vê nas "eleições" fascistas uma burla total que nunca lhe permitirá derrubar o fascismo.

Pois, mas quem não vai em hesitações é o fascismo. O governo de Caetano brindou a oposição democrática com um decreto. Este diz que os candidatos que retirem a sua candidatura antes do "escrutínio" ou que aconselhem à abstenção serão privados dos seus direitos cívicos por 5 anos.

Este decreto vem de vez acabar com as "hesitações" da Oposição Democrática a quem é oferecida pelo governo fascista uma saída "legal" para se ver "obrigada" a continuar o jogo do parlamentarismo fascista (a via pacífica...).

Montada nos seus boletins de voto a Oposição Democrática está com o pé bem metido na farsa "eleitoral". Este decreto vem provar quão útil é ao fascismo a participação da Oposição Democrática na farsa "eleitoral".

A DECLARAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA —

mais uma grande vitória do povo da Guiné e Cabo Verde

A 20 de Janeiro de 1973 agentes do colonialismo português e do imperialismo mundial assassinaram Amílcar Cabral, antigo Secretário-Geral do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC).

Este acto, tentativa desesperada para tentar desviar o povo da Guiné-Cabo Verde da sua heróica luta, transformou-se em mais uma enorme derrota para a política colonial-fascista do governo português.

Após o assassinato, o povo da Guiné-Cabo Verde, que possui uma experiência de 10 anos de guerra popular prolongada, mostrou ainda com mais força o seu ódio ao colonialismo português e a sua decisão de levar a luta até à vitória final, até à independência total e incondicional do seu país.

No campo militar as suas vitórias contra as forças do exército colonial aumentam de dia para dia. No dia 16 de Agosto, os patriotas guineenses abatem mais um avião português no espaço aéreo das zonas libertadas da Guiné-Bissau, o décimo nono nos últimos seis meses.

No campo político a realização do II Congresso do PAIGC, de 18 a 22 de Julho nas zonas libertadas, mostrou a firme unidade existente entre o povo da Guiné-Cabo Verde e o seu partido.

O II Congresso elegeu o novo secretariado permanente do Partido, com Aristides Pereira como secretário-geral.

O II Congresso decidiu ainda "a convocação da Assembleia Nacional Popular, que se reunirá no decurso deste ano para cumprir a sua primeira missão histórica: a proclamação do Estado da Guiné-Bissau, a criação de um Executivo para este Estado e a adopção da primeira Constituição da nossa história" (1).

A declaração da independência será mais uma grande vitória para o povo da Guiné-Cabo Verde e assinalará uma etapa histórica no desenvolvimento da luta de libertação nacional conduzida pelo PAIGC. Vasco Cabral, membro do Bureau Político do PAIGC, referindo-se às consequências que trará a declaração da independência afirma:

"O facto de nós proclamarmos a independência tem importância, para poder traduzir do ponto de vista jurídico a realidade efectiva existente. Na nossa terra, desde há muito tempo que existem regiões libertadas onde construímos uma vida nova e onde temos um Estado, podemos mesmo dizer, um Governo. Toda a actividade que é desenvolvida é-o porque possuímos uma administração, porque existe comércio, escolas, hospitais, serviços de produção, serviços de segurança, tribunais populares, prisões, etc. (...) Nós somos, de facto, o único e legítimo representante do nosso povo.

"(...) Como Estado reconhecido juridicamente do ponto de vista internacional podemos fazer certos acordos com certos países - acordos de cooperação, para desenvolver o comércio, etc. (...) Por outro lado, o podermos participar numa Organização das Nações Unidas, em pé de igualdade com todos os outros Estados, e sermos reconhecidos também por todos esses países como um Estado soberano são coisas importantes.

"Por outro lado, a proclamação da independência criará um entusiasmo novo, uma alma nova, pois que esta vitória será um estímulo para continuar a luta até à libertação total da Guiné-Cabo Verde." (2)

O CDPE, considerando que o povo trabalhador português tem no povo da Guiné-Cabo Verde um dos seus fiéis aliados na luta contra o inimigo comum - a burguesia colonial-fascista portuguesa, saúda e apoia resolutamente o PAIGC na continuação da sua tarefa histórica: a libertação total do povo da Guiné-Cabo Verde.

(1) Documente do II Congresso do PAIGC.

(2) Em entrevista a "O Salto", Julho de 73.

